

REVISTA DE CINEMA

Entrevista concedida em agosto de 2005

1) Vamos começar do começo... quando, como e por quê começou a fazer cinema? Qual sua motivação? Como você imaginava que seria, o que imaginava que faria?

Comecei a fazer um tipo de cinema que eu chamo de “cinema de cozinha” (pois era literalmente e metaforicamente feito na cozinha da minha casa) em 96 em Londres, onde adquirei uma camera de super 8, um projetor e tive os primeiros contatos com edição não linear. Fazia uma espécie de diário filmado em super 8. A graça era que para revelar o que eu tinha filmado na semana eu tinha que enviar o filme pelo correio para a Kodak e ela me devolvia uma semana depois. Era como se eu estivesse durante 2 anos mandando toda semana uma carta para mim mesmo. Neste período na Inglaterra fiz 2 pequenos filmes – “The eye land” e “Between, inventário de pequenas mortes” – que retratam bem este período meio “exilado” de seu país e ilhado em si mesmo. “The eye land” ou “a terra do olho” remete sonoramente à palavra “Island” (ilha) ou seja ao mesmo tempo à Grã Bretanha (ilha e material-prima para um olhar cotidiano pois eu estava vivendo ali) e à terra do olho (pois até então era principalmente através do olho que eu me relacionava com a realidade).

Sempre tive vontade de fazer filmes (eu era como um rato-de-cineclube na adolescência) mas nunca imaginei como faria. A coisa simplesmente foi acontecendo como uma ampliação natural das possibilidades de expressão (nesta época eu já havia feito algumas exposições principalmente utilizando da fotografia). Acho que o cinema (ou o audiovisual pois é mais amplo) é simplesmente mais uma de tantas formas que temos para nos expressar.

Enfim, o cinema para mim nasceu deste pequeno exercício diário de observação solitária do mundo. Uma espécie de anotação cotidiana para nada, um diário desprezencioso que foi tomando forma para além de minha consciência e que acabou me roubando para si ao mesmo tempo em que eu me encontrava. Uma camera-caneta, um cinema-escritura, que você faz enquanto a panela-de-pressão está no fogo.

2) Por que escolheu o formato de documentário? Pensa em fazer ficção? Qual seria a maior diferença, entre esses formatos, na questão de transmissão de mensagem para o público?

Não gosto desta distinção entre gêneros em qualquer forma de expressão artística. Mas já que existem temos que refletir sobre elas. Não acho que escolhi o documentário, acho que foi ele que me escolheu. Nunca pensei em ser documentarista, conheço pouquíssimo da história do documentário. Não por falta de interesse meu e sim por um certo preconceito histórico contra o “gênero” que não me permitiu (a mim e a quase todos os brasileiros e acho que ao mundo em geral) ter acesso aos filmes que fizeram sua história.

Adoro a frase: Não existe maior ficção do que a realidade!; ou seja, a realidade é tão rica e multifacetária que às vezes parece irreal, parece ficção (por exemplo quando assisti pela tv o sequestro do ônibus 174 pela tv). Pergunto-me se poderíamos inverter a frase e dizer: “Não existe maior realidade do que a ficção”. Talvez, se pensarmos neste mundo cada vez mais cibernético, virtualizado e internáutico...

Portanto o que faço não é documentário ou ficção, são ambos e nenhum ao mesmo tempo! O mundo do cinema cada vez mais perde de vista a dimensão dos limites entre estes dois gêneros. Existe muito de ficção no que faço. Procuro não ser ortodoxo em nada, simplesmente prefiro sentir o fluxo das coisas e expressá-las também como um fluxo (Heráclito / Humberto Mauro).

3) Você tem diversos trabalhos bem diferentes, como "Sopro" e "Nanofania". Pelo menos para mim, são como fotos abstratas em movimento. Mesmo nos documentários como "O Fim do Sem Fim" e "A Alma do Osso" você insere essa mistura de imagens, quase formando um balé de cenas inusitadas e estranhas ao olhar comum, o que torna seu trabalho tão particular. De que forma você alia a fotografia e as artes plásticas no seu trabalho audiovisual? Como eles se complementam?

Prefiro definir estes trabalhos como ‘micro-dramas da forma’. Acho que nós ocidentais estamos muito impregnados pela idéia da representação do humano e esquecemos das outras coisas. Uma folhinha que cai ao vento é tão expressiva quanto um ator em um filme e o ruído da água dentro de um cano é tao expressivo quanto uma soprano em uma ópera. E o cinema principalmente se vinculou demais ao teatro e `a literatura. É ainda uma arte muito nova e tem muito a descobrir. A realidade das coisas está aí para ser transformada em imagem e som e este é um universo simplesmente infinito que não pode ser restrito ao homem e ao que este imagina ser o mundo. Antes de que se possa imaginá-lo o mundo já é!

4) Por que você optou por essa linguagem sem muita fala na maioria dos seus trabalhos? Qual a mensagem, qual a eficácia?

Porque prefiro um mundo mais silencioso do que barulhento!

5) Agora sobre os temas. De certo são temas diferentes. O que te levou a filmar "A Volta ao Mundo em Algumas Páginas", por exemplo? De onde você tira seus temas, como funciona teu processo criativo?

Meu processo criativo é muito variado, disperso e intuitivo. Mas sempre muito impregnado pela realidade. Criei uma espécie de metáfora para falar da minha relação com ela:

Se imaginarmos a realidade como um imenso lago podemos nos relacionar com ele de 3 formas:

- ficar sentado no barranco contemplando sua superfície (e acho que a pele das coisas é um universo imenso que revela muito do que no fundo se esconde). São frutos desta relação meus trabalhos mais contemplativos, plásticos e formais como “Sopro”, “Hypnosis”, “Word/World”, “Nanofania” etc.

-jogar uma pedra na superfície deste lago e observar a reverberação provocada por esta

ação. A pedra sendo um conceito ou uma proposição que vai embaralhar determinada realidade. São meus trabalhos mais propositivos como “Rua de Mão Dupla” (trocar pessoas que não se conhecem de casa durante 24 horas); “Histórias do Não Ver” (pedir para determinadas pessoas me “sequestrarem” de olhos vendados e registrar o “sequestro” através de uma camera fotografica (fotos cegas) para depois escrever sobre as impressões da realidade vivida através dos outros sentidos); e o próprio “Volta ao mundo em algumas páginas” (onde eu e Rivane Neuenschwander espalhamos fragmentos de mapa ao acaso em mais de uma centena de livros da biblioteca pública de Estocolmo).

- Jogar-se no lago afundando em suas aguas misteriosas. São meus trabalhos mais investigativos onde procuro me deixar levar por um determinado objeto ou assunto como no caso do universo de um “eremita” em “A alma do osso” e das profições em extinção em “O fim do sem fim”.

6) Qual a mensagem que pretende transmitir com esses temas? Há alguma relação intrínseca entre os temas, as mensagens e o formato escolhido para as obras? Acredita que a mensagem, pelo formato escolhido (não usual, que pode causar estranhamento), é transmitida?

Não procuro passar mensagem nenhuma no que faço. Acho que foi Merlau Ponty quem disse o seguinte: Não é o escultor quem esculpe a escultura mas a escultura que esculpe o escultor. Podemos falar o mesmo dos filmes. Os filmes vão se fazendo e nos fazendo meio a deriva de nossas melhores intenções ou “mensagens”. Adoro a falta de controle quando entro em um projeto. Sou apenas uma espécie de “cavalo de santo” como se diz no candomblé sobre aqueles que “recebem”. Dou apenas forma a algo mais incontrolável e misterioso, algo que está além do que sou capaz de entender. Mas posso sentir este algo e é isso o que interessa. E mais importante – somos todos “cavalos de santo”, um filme só se completa no espectador que é um “cavalo de santo” por excelência! Portanto um filme na realidade são vários filmes, cada um que o assiste cria um novo filme, impregna-se de impressões variadas, renova-se em uma espécie de transe.

7) Seus trabalhos não alcançam o grande público, não contam com distribuição em massa e, no entanto, rodam o mundo em festivais e premiações. Você pretende investir para que eles saiam desse roteiro especializado para atingir um público maior? Acredita que o estilo dos seus trabalhos possa agradar ao público em geral?

Claro que acredito em uma possível maior visibilidade para meu trabalho. Mas isso chega a ser quase utópico quando pensamos nas complicadas e viciadas engrenagens que estão por traz de todos os canais de distribuição e exibição de cinema, tvs etc.

Não entendo muito disso mas posso pressentir que se começar a tentar entender e me dedicar muito tempo a isso, paro de fazer filmes para apenas cuidar dos que já fiz. Por outro lado não podemos ser tão paternalistas com o público em geral. Para mudar este sistema tão viciado de distribuição e exibição creio ser necessário um movimento de dentro para fora (do particular para o universal). Ou seja, é o próprio público ou cada indivíduo em particular que precisa correr atrás do que deseja ou do que o instiga e procurar sair deste eterno esquema passivo de apenas sentar a bunda em seu sofá com uma coca-cola na mão e receber, receber, e receber imagens e sons até se empanturrarem e se renderem ao sono pesado de sonhos cada vez mais vazios.

8) O Grivo fez a trilha de quase todos (não sei dizer se todos) os seus vídeos. Alguma razão especial?

Pois são minha “cara-metade”!

Audiovisual (como o próprio nome indica) é imagem e som. Sou um homem da imagem (cada vez mais sonoro) e um dia encontrei minha metade sonora (através e por causa do Grivo). É sempre bom encontrar parceiros que possuem alguma relação de identidade sensível com você. Além do Grivo posso citar a artista plástica Rivane Neuenschwander com quem vivi longos anos numa relação de amor e criação continua.

9) Li em um site que "A Alma do Osso" faz parte de uma trilogia sobre a solidão. Me conte mais a respeito desse projeto - o que já está definido, o que falta definir.

“A alma do osso” faz parte da “trilogia da solidão”, projeto no qual ainda pretendo realizar mais dois filmes: um sobre o universo dos andarilhos de beira de estrada (que ao contrario de um eremita são “solidões” em constante deslocamento); e “O homem das multidões” baseado no conto homônimo de Edgar Allan Poe sobre uma pessoa que jamais consegue estar só, seguindo desesperadamente aglomerados de pessoas nas ruas da Londres do século XIX. Claro que tudo transposto para alguma grande cidade atual. Neste último pretendo dividir a direção com o diretor pernambucano Marcelo Gomes que gosta muito do projeto e de quem admiro muito o trabalho.

10) Você está contente com seu trabalho até agora? Há algum projeto que não conseguiu realizar e que pretendia completar? Tem alguma aspiração para o futuro, um plano, uma mudança?

Não tenho do que reclamar. Claro que muitos projetos nao vingaram por diversos fatores mas isso é bastante natural. O importante é, como diz um grande amigo meu – viemos aqui para continuar tentando e é muita pretenção e infinitamente desanimador dizer “Pronto, consegui!”. É muito importante ter sempre a noção da importancia do êro e tentar fazer as coisas de uma forma diferente da que você está acostumado a fazer.

11) Você desenvolve outros trabalhos além de vídeos, trabalha com outra coisa paralelamente?

Dizer que faço apenas video é muito redutor. Uso da fotografia, do super-8, do 35mm, do 16mm, da camera fotografica digital, da caixa de sapato, de cameras de plástico, da caneta, do lapis, do laptop, da máquina de escrever, do gravador de som, do microfone, do projetor de slides, do projetor de video e de cinema e mais uma infinidade de coisas que não vem ao caso aqui ficar listando.

Exibo meus trabalhos em película, DVDs, mini-DVS, internets, fitas beta, tvs etc. Em museus, galerias, salas de cinema, salas de video etc.

O video é apenas uma entre tantas outras possibilidades de expressão.

12) Conte-me sobre seu próximo trabalho, já tem algo em andamento?

Um deles é a “Trilogia da solidão” da qual já comentei em uma pergunta anterior. Além disso tenho algumas exposições marcadas para este ano onde vou mostrar alguns trabalhos fotográficos que venho desenvolvendo há muito tempo (Gambiarras) e alguns filmes. Projetos são muitos e talvez seja melhor não ficar falando tanto deles, pois eles podem acontecer, ou não!